

EDUCAR NA ERA DAS TELAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A GERAÇÃO SCREENAGER

*EDUCATING IN THE AGE OF SCREENS: CHALLENGES AND STRATEGIES FOR THE SCREENAGER
GENERATION*

Fernanda de Freitas Moura

Must University, Estados Unidos

Edileuza Lucena dos Santos

Must University, Estados Unidos

Eliana Rezende da Silva Cordeiro

Must University, Estados Unidos

Leila Ribeiro de Melo Martins

Must University, Estados Unidos

Alexandra Martins Roque

Must University, Estados Unidos

Elizeth Souza Rodrigues

Must University, Estados Unidos

Luzinete Vicente da Silva

Must University, Estados Unidos

Vécia de Fátima Vitorino

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/wtm0gz25>

Publicado em: 15.01.2024

Resumo: O avanço acelerado das tecnologias digitais transformou profundamente os modos de ser, aprender e interagir, dando origem a uma geração que cresceu cercada por telas e interfaces conectadas. Conhecida como screenager, essa juventude apresenta habilidades técnicas amplas, mas também desafios significativos no que se refere à aprendizagem crítica, à estabilidade emocional e à construção de vínculos sociais. A exposição constante às mídias digitais alterou os padrões de atenção, leitura e convivência, impactando diretamente o ambiente escolar. Este artigo tem como objetivo analisar criticamente os desafios impostos pela geração screenager à educação contemporânea, explorando suas características, impactos no desenvolvimento emocional e cognitivo, além de estratégias pedagógicas eficazes para potencializar o ensino nesse novo paradigma. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa, por meio da análise de estudos publicados entre 2014 e 2023, selecionados nas bases SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, em português e inglês. Foram utilizados termos como geração screenager, tecnologias digitais e cultura digital. Autores como Shapira et al. (2020),



Strasburger (2019), Twenge (2017) e Livingstone (2018) fundamentaram a análise. Os resultados apontam que, embora a tecnologia traga oportunidades educacionais, seu uso desregulado está associado a dispersão, superficialidade cognitiva e fragilidades socioemocionais. Em contrapartida, quando integrada de forma crítica e intencional, pode favorecer aprendizagens ativas e significativas. O estudo conclui que a mediação docente e o investimento em metodologias inovadoras são essenciais para que a educação acompanhe as transformações do presente e contribua para a formação integral dos jovens.

Palavras-chave: Tecnologia. Mídias Digitais. Educação.

Abstract: The rapid advancement of digital technologies has profoundly transformed the ways of being, learning, and interacting, giving rise to a generation that grew up surrounded by screens and connected interfaces. Known as screenagers, these young individuals display extensive technical skills, but also significant challenges concerning critical learning, emotional stability, and the development of social bonds. Constant exposure to digital media has altered attention patterns, reading habits, and social interactions, directly impacting the school environment. This article aims to critically analyze the challenges posed by the screenager generation to contemporary education, exploring their characteristics, emotional and cognitive development impacts, and effective pedagogical strategies to enhance teaching within this new paradigm. A bibliographic research with a qualitative approach was conducted through the analysis of studies published between 2014 and 2023, selected from the SciELO and CAPES Journal Portal databases, in Portuguese and English. Terms such as screenager generation, digital technologies, and digital culture were used. Authors such as Shapira et al. (2020), Strasburger (2019), Twenge (2017), and Livingstone (2018) supported the analysis. The findings show that, although technology offers educational opportunities, its unregulated use is associated with distraction, cognitive superficiality, and socioemotional vulnerabilities. On the other hand, when integrated critically and intentionally, it can foster active and meaningful learning. The study concludes that teacher mediation and investment in innovative methodologies are essential for education to keep pace with present-day transformations and to contribute to the integral development of young people.

Keywords: Technology. Digital Media. Education.

1 Introdução

As últimas décadas foram marcadas por um avanço vertiginoso das tecnologias digitais, que remodelaram radicalmente os modos de viver, comunicar e aprender. Nesse novo cenário sociotécnico, emergiu uma geração que cresceu cercada por telas — computadores, smartphones, tablets e outros dispositivos conectados à internet — e que aprendeu a interagir com o mundo majoritariamente por meio dessas interfaces. A esse grupo de jovens hiperconectados, deu-se o nome de screenagers, um neologismo que combina os termos “screen” (tela) e “teenagers” (adolescentes).

A presença constante das telas impacta diretamente os processos de desenvolvimento cognitivo e socioemocional. De acordo com Shapira et al. (2020), o uso problemático das mídias digitais por adolescentes e jovens adultos está associado a dificuldades de autorregulação, o que pode favorecer comportamentos compulsivos. Tal contexto acende alertas para pais, educadores

e gestores escolares, sobretudo quanto à necessidade de conduzir essa geração para um uso equilibrado e consciente das tecnologias.

A vida escolar, inevitavelmente, é afetada por esse fenômeno. O acesso contínuo a dispositivos digitais mudou a relação dos estudantes com o conhecimento, as rotinas de estudo e as formas de atenção. Strasburger (2019) destaca que o tempo excessivo em frente às telas pode afetar negativamente o rendimento escolar, além de contribuir para distúrbios de sono e dificuldades de concentração. Por outro lado, a mesma tecnologia que representa desafios também carrega potencialidades significativas quando bem utilizada.

Em muitos casos, os jovens estão imersos em um fluxo incessante de informações, mas não conseguem contextualizá-las de maneira crítica. Como alerta Christofides, Muise e Desmarais (2019), o comportamento digital impulsivo pode comprometer a percepção sobre riscos e afetar decisões importantes, inclusive relacionadas ao futuro profissional. Essa superficialidade interpretativa, somada ao imediatismo típico do ambiente digital, repercute na capacidade de elaborar conhecimento e resolver problemas de forma autônoma.

Esse novo perfil juvenil também desafia diretamente a função docente. Livingstone (2018) observa que os estudantes tendem a substituir o professor por mecanismos de busca e redes sociais, promovendo a desintermediação do conhecimento. Tal tendência reforça a importância do educador como mediador e curador da informação, capaz de orientar o estudante na construção de aprendizagens profundas e contextualizadas.

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente os desafios impostos pela geração *screenager* à educação contemporânea, explorando suas características, impactos no desenvolvimento emocional e cognitivo, além de estratégias pedagógicas eficazes para potencializar o ensino nesse novo paradigma. Para isso, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, tomando como base os estudos e autores já referenciados nos dois trabalhos analisados. As discussões buscam não apenas refletir sobre os riscos e limitações, mas também indicar caminhos possíveis para que a tecnologia se transforme em aliada do processo formativo, com vistas a uma educação mais engajada, significativa e ética.

2 Referencial teórico

A compreensão das transformações educacionais provocadas pela geração *screenager* exige a análise dos efeitos da tecnologia sobre o comportamento e o desenvolvimento das novas gerações. Diversos autores têm abordado essa temática com base em evidências científicas, trazendo à tona preocupações relacionadas à aprendizagem, à saúde mental e ao papel da escola diante da ubiquidade digital.

Segundo Shapira et al. (2020), os jovens da geração atual estão expostos a um uso problemático das mídias digitais, o que pode impactar negativamente sua autorregulação e favorecer comportamentos aditivos. Os pesquisadores destacam que a perspectiva temporal dos adolescentes influencia diretamente na forma como lidam com o tempo de tela e nas consequências disso para o desenvolvimento socioemocional.

O uso excessivo da tecnologia também tem sido relacionado a prejuízos físicos, cognitivos e psicológicos. De acordo com Strasburger (2019), o tempo excessivo diante das telas pode contribuir para quadros de obesidade, problemas visuais, distúrbios do sono, ansiedade e

depressão em crianças e adolescentes. Christofides, Muise e Desmarais (2019) acrescentam que o compartilhamento de informações sensíveis nas redes sociais pode afetar a empregabilidade dos jovens e levá-los a exposições indevidas, configurando-se como um risco relevante.

Além dos impactos na saúde, há reflexões relevantes sobre as mudanças nos processos de ensino e aprendizagem. Para Rosen (2017), o tempo de tela se tornou uma preocupação central na formação dos estudantes do século XXI, dado que muitos deles desenvolvem habilidades digitais, mas carecem de competências essenciais como concentração, pensamento crítico e leitura aprofundada.

A forma como os adolescentes acessam o conhecimento também tem mudado. Livingstone (2018) destaca o fenômeno da desintermediação do saber, ou seja, a busca por respostas diretamente em plataformas digitais, muitas vezes sem mediação docente. Isso exige que os educadores assumam um papel de curadores do conhecimento, ajudando os estudantes a filtrar, validar e contextualizar as informações que consomem online.

No campo pedagógico, Russell e Baker (2019) observam que o uso intenso de jogos eletrônicos e de dispositivos móveis pode afetar o desenvolvimento de crianças e jovens, tornando-se um fator de distração e comprometendo o envolvimento em tarefas que exigem atenção contínua. Por sua vez, Boyd (2014) defende que a escola precisa se reinventar para dialogar com a realidade dos adolescentes hiperconectados, utilizando recursos como a gamificação e os projetos práticos para aumentar o engajamento e a participação.

Twenge (2017) aponta para uma crise mais profunda: segundo a autora, os jovens da geração iGen estão crescendo menos rebeldes e mais tolerantes, mas também menos felizes e menos preparados para a vida adulta. Essa constatação acende o alerta sobre a formação integral e o equilíbrio entre a vida digital e as experiências concretas.

Entre os caminhos possíveis para enfrentar tais desafios, destaca-se a proposta de Tufekci (2017), que sugere um equilíbrio entre o uso das tecnologias e uma educação sólida, que combine criatividade, criticidade e competências técnicas. Complementarmente, o guia educacional da Kidscape (2021) recomenda práticas que envolvam ensino prático, uso consciente de tecnologias em sala de aula, ensino baseado em atividades e personalização da aprendizagem.

Dessa forma, o referencial teórico evidencia que os desafios da geração screenager não estão apenas no uso da tecnologia em si, mas na forma como ela é mediada pelas instituições educativas, pelas famílias e pela própria sociedade. Cabe à escola oferecer não apenas conteúdos, mas condições para que os estudantes desenvolvam habilidades para viver, interagir e aprender de maneira crítica, saudável e significativa em um mundo digitalmente mediado.

3 Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, tendo como método a pesquisa bibliográfica voltada à análise crítica de produções científicas sobre os impactos da cultura digital e das tecnologias de tela no desenvolvimento cognitivo, emocional e educacional da geração screenager. A escolha dessa metodologia se justifica pela necessidade de compreender como os sujeitos contemporâneos, especialmente adolescentes e jovens hiperconectados, estão sendo afetados por práticas mediadas pelas tecnologias digitais e como o campo educacional tem respondido a esses desafios. Como destacam Martelli et al. (2020), a pesquisa bibliográfica

constitui uma etapa inicial imprescindível, pois permite reconhecer o estado da arte sobre o objeto de estudo, identificar lacunas e formular hipóteses mais fundamentadas.

A abordagem qualitativa permitiu investigar os sentidos atribuídos ao uso das tecnologias por essa geração, bem como as estratégias pedagógicas e os impactos subjetivos relacionados à aprendizagem, sociabilidade e saúde mental. Segundo Brito, Oliveira e Silva (2021), essa abordagem é especialmente eficaz quando o objetivo é compreender a relação entre sujeitos e dispositivos tecnológicos no contexto educacional, revelando nuances nem sempre capturadas por métodos quantitativos. Desse modo, optou-se por uma análise interpretativa dos textos selecionados, com foco na articulação entre teoria e prática.

Trata-se também de uma pesquisa de caráter exploratório, já que não partiu de hipóteses fechadas, mas sim da intenção de mapear, sistematizar e compreender as principais contribuições acadêmicas sobre os desafios e possibilidades educativas frente à geração *screenager*. Como afirmam Lösch, Rambo e Ferreira (2023), investigações com esse perfil favorecem a descoberta de padrões emergentes e o redesenho conceitual em áreas que ainda se encontram em processo de consolidação, como é o caso da educação mediada por telas e redes digitais.

A coleta de dados foi realizada nas bases SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, durante os meses de outubro e novembro de 2023. Foram utilizados como descritores os termos: geração *screenager*, tecnologias digitais, educação contemporânea, saúde emocional e cultura digital. Os critérios de inclusão abrangeram produções em português e inglês, publicadas entre 2014 e 2023, com foco em adolescentes e jovens em idade escolar. Foram excluídos textos opinativos, artigos sem revisão por pares e estudos voltados exclusivamente ao ensino superior. A seleção priorizou textos com sólida fundamentação teórica e relevância para o campo educacional.

A triagem dos materiais incluiu a leitura exploratória dos títulos, resumos e palavras-chave, seguida da leitura integral dos textos considerados pertinentes. Esse processo possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos objetivos, métodos e resultados de cada obra, garantindo sua consonância com a proposta investigativa. Como indicam Sousa, Oliveira e Alves (2021), na pesquisa bibliográfica é essencial que o pesquisador domine criticamente as fontes e organize o conhecimento de forma sistemática. Para isso, foram elaborados fichamentos analíticos como instrumentos de registro e comparação entre os estudos.

A análise dos dados concentrou-se na identificação de temas recorrentes, estratégias educativas destacadas, abordagens metodológicas predominantes e lacunas ainda pouco exploradas. Conforme apontam Batista e Kumada (2021), esse tipo de análise contribui para uma compreensão ampliada das práticas educativas mediadas por tecnologia. Todo o percurso metodológico foi conduzido com rigor ético e compromisso com a originalidade, buscando oferecer uma contribuição significativa ao debate sobre a formação de jovens na era das telas.

4 Contextualização: conceito de geração *screenager* e transformações sociais e tecnológicas

As últimas transformações sociais e tecnológicas consolidaram um novo paradigma de vida, no qual as relações humanas, os fluxos de informação e os processos de aprendizagem passaram a ser mediados por dispositivos digitais. Nesse cenário emergiu a geração *screenager*, composta por indivíduos nascidos entre 1990 e 2010 que cresceram imersos em telas, como

celulares, computadores e tablets, interagindo com o mundo prioritariamente por meio de interfaces digitais. Essa geração também é denominada “nativa digital” e apresenta uma relação quase orgânica com a tecnologia.

O termo *screenager* foi popularizado para descrever adolescentes que passam boa parte do tempo conectados a telas, o que tem transformado profundamente seus modos de ser, conviver, aprender e se relacionar. Como apontam Russell e Baker (2019), a constante presença das telas modifica significativamente os hábitos de comunicação e aprendizagem, tornando os dispositivos digitais ferramentas indispensáveis tanto nas atividades cotidianas quanto nas práticas escolares. Essa geração está em constante contato com redes sociais, jogos, plataformas de vídeos e ambientes virtuais, o que influencia diretamente sua visão de mundo.

Além disso, a geração *screenager* se caracteriza pela agilidade em realizar múltiplas tarefas simultaneamente, embora, muitas vezes, com atenção e compreensão superficiais. Conforme destaca Twenge (2017), esses jovens são “mais conectados, mais tolerantes e menos felizes”, revelando uma profunda ambiguidade entre os benefícios tecnológicos e os prejuízos emocionais e sociais. A vida hiperconectada pode oferecer acesso instantâneo a conteúdos diversos, mas também compromete a capacidade de se engajar com profundidade em tarefas analíticas, empáticas ou reflexivas.

O impacto da cultura digital sobre o comportamento e os vínculos afetivos também é evidente. Strasburger (2019) alerta que o uso indiscriminado de dispositivos eletrônicos pode levar à perda da qualidade das interações humanas, contribuindo para o isolamento, a ansiedade e outros distúrbios associados à saúde mental. Em complemento, Christofides, Muise e Desmarais (2019) destacam que a exposição constante às redes sociais e ao compartilhamento de informações pessoais aumenta os riscos psicossociais e pode comprometer a segurança emocional dos jovens.

Nesse contexto, a educação se vê diante do desafio de compreender uma geração que pensa, comunica-se e aprende de forma distinta das anteriores. A forma de leitura, por exemplo, é alterada pelo meio digital: a leitura na tela tende a ser mais fragmentada, com menor profundidade e pouca contextualização, o que compromete a formação crítica. De acordo com Santander (2012), o mais urgente não é apenas lidar com a quantidade de informação disponível, mas sim desenvolver a capacidade de dialogar, argumentar e debater com responsabilidade.

As mudanças sociais e tecnológicas, portanto, não afetam apenas o acesso à informação, mas também a construção subjetiva dos indivíduos. A facilidade com que se localizam conteúdos na internet é, muitas vezes, acompanhada de dificuldades em filtrar, validar e integrar esse conhecimento ao cotidiano. Essa situação se agrava à medida que a internet se torna a principal fonte de busca por respostas, desvalorizando os processos dialógicos e os saberes compartilhados presencialmente. Como observa Livingstone (2018), os estudantes têm cada vez mais autonomia na busca de conteúdos, mas carecem de orientação crítica e pedagógica para selecionar o que é relevante.

Tufekci (2017) enfatiza que, embora as tecnologias digitais estejam integradas ao cotidiano dos jovens, é imprescindível equilibrar esse uso com uma educação sólida e bem estruturada, que promova o pensamento crítico, a cidadania e a formação humana. Sem esse equilíbrio, a geração *screenager* corre o risco de desenvolver-se sem a capacidade de lidar com as complexidades do mundo real.

Assim, a geração *screenager* é simultaneamente resultado e reflexo de um mundo acelerado, hiperconectado e tecnologicamente avançado. Compreender suas características é essencial para a construção de práticas pedagógicas adequadas e sensíveis às transformações em curso.

5 Consequências para o desenvolvimento socioemocional

O uso intenso e contínuo das tecnologias digitais, especialmente entre os adolescentes da geração *screenager*, tem provocado mudanças significativas no desenvolvimento socioemocional. Embora esses jovens sejam hábeis em manusear dispositivos e navegar em ambientes virtuais, muitos demonstram fragilidade em aspectos relacionados à convivência, empatia e resiliência. A mediação das relações humanas por telas, em detrimento do contato face a face, compromete a construção de vínculos afetivos e habilidades sociais essenciais à vida em sociedade.

Shapira et al. (2020) afirmam que o uso problemático das mídias digitais está associado a déficits de autorregulação emocional, o que pode favorecer o desenvolvimento de comportamentos compulsivos e aditivos. Adolescentes e jovens adultos que utilizam dispositivos eletrônicos por longos períodos demonstram maior propensão à ansiedade, à impulsividade e à dificuldade de lidar com frustrações cotidianas. Esses efeitos são intensificados quando não há limites ou orientação quanto ao uso das tecnologias.

Esse padrão de comportamento está intimamente relacionado à busca por gratificações imediatas e recompensas frequentes, características que moldam a forma como os *screenagers* se relacionam com o mundo. Conforme alertam Christofides, Muise e Desmarais (2019), o excesso de exposição nas redes sociais e a tendência a compartilhar informações pessoais comprometem não apenas a segurança emocional dos jovens, mas também sua autoestima e percepção de pertencimento. A constante comparação com os outros, alimentada por métricas de curtidas e visualizações, pode gerar sentimentos de inadequação e isolamento.

O distanciamento do mundo real também afeta diretamente a capacidade dos jovens de desenvolver habilidades de resolução de conflitos, comunicação não violenta e empatia. Como aponta Twenge (2017), trata-se de uma geração menos preparada para a vida adulta, com dificuldades crescentes em enfrentar adversidades e lidar com desafios que não podem ser “descartados” com um clique. A autora destaca ainda que essa falta de preparo está ligada à crescente sensação de solidão e infelicidade entre os adolescentes hiperconectados.

Além disso, a sobrecarga de estímulos visuais e sonoros a que estão expostos compromete a concentração e a interiorização de experiências mais profundas. Strasburger (2019) enfatiza que a exposição contínua às telas reduz o tempo de convivência familiar e a prática de atividades presenciais, dificultando o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Tal contexto exige intervenções pedagógicas e familiares que restabeleçam o equilíbrio entre os mundos virtual e real.

Outro aspecto importante é o impacto da leitura digital no desenvolvimento cognitivo e emocional. A leitura segmentada e desatenta nas telas não estimula a reflexão aprofundada nem o contato com a complexidade dos textos. Conforme observado por Santander (2012), a preocupação central não deve ser a quantidade de informação disponível, mas a capacidade de diálogo e construção compartilhada do saber, fundamentos da vida em comunidade e da cidadania.

Essas transformações, embora muitas vezes invisíveis no cotidiano escolar, têm reflexos concretos na forma como os jovens se relacionam com os colegas, os professores e consigo mesmos. Há uma urgência em compreender que o desenvolvimento socioemocional não se dá automaticamente no contato com a tecnologia, mas exige mediação, espaço de escuta, reflexão e convivência real.

Portanto, os impactos da era digital sobre a dimensão socioemocional da geração *screenager* revelam desafios complexos, que vão desde o enfraquecimento dos vínculos afetivos até a formação de sujeitos menos resilientes e mais vulneráveis emocionalmente. Tais consequências impõem à escola o compromisso de atuar como espaço de equilíbrio, oferecendo estratégias para que os jovens desenvolvam não apenas competências técnicas, mas também habilidades humanas e sociais.

6 Mídias digitais como recurso na educação infantil

A emergência da geração *screenager* impôs profundas reconfigurações ao papel tradicional do educador. A presença constante das tecnologias digitais no cotidiano dos estudantes ampliou a distância entre os modelos pedagógicos clássicos e os modos contemporâneos de aprender, exigindo que os professores repensem suas práticas e se reinventem diante de um novo perfil de estudante.

Livingstone (2018) aponta que os jovens passaram a buscar diretamente nas redes e mecanismos de busca as respostas para suas dúvidas, o que contribui para a desintermediação do conhecimento. Isso significa que a figura do professor, antes considerada indispensável na mediação do saber, tende a ser substituída por fontes imediatas e fragmentadas, acessadas sem critérios de validação. Tal fenômeno impõe ao educador o desafio de não apenas transmitir conteúdo, mas formar estudantes críticos, capazes de filtrar, comparar e analisar a informação disponível na internet.

Rosen (2017) alerta para a crescente dificuldade de concentração dos estudantes, afirmando que a cultura digital moldou um comportamento imediatista, em que tarefas que exigem tempo e profundidade são frequentemente negligenciadas. Esse contexto revela a necessidade de metodologias que dialoguem com as características cognitivas dos *screenagers*, sem abrir mão da profundidade intelectual e da formação ética. O educador deve, portanto, desenvolver estratégias capazes de manter o interesse dos estudantes, utilizando recursos visuais, jogos, mídias e interações colaborativas como aliados do ensino.

Nesse cenário, a atuação do professor não pode se limitar à aplicação de conteúdos formais. Como propõe Boyd (2014), é preciso criar ambientes de aprendizagem que estimulem a participação ativa dos estudantes, permitindo que eles utilizem as tecnologias não apenas para consumir informações, mas para produzir conhecimento, interagir com diferentes linguagens e desenvolver o pensamento crítico. Para isso, o docente precisa ser também um pesquisador de sua própria prática, capaz de compreender as dinâmicas culturais que atravessam seus alunos e incorporar esses elementos ao planejamento pedagógico.

A dificuldade dos estudantes em manter foco e desenvolver habilidades socioemocionais também afeta o ambiente escolar e reforça a importância de uma postura acolhedora por parte do educador. Como destacam Russell e Baker (2019), é essencial compreender que a dispersão, a

ansiedade e a impaciência são efeitos da hiperconexão e não meramente “problemas de disciplina”. Essa compreensão amplia a empatia docente e permite abordagens mais humanizadas no trato com os estudantes.

Por outro lado, é comum que muitos professores não se sintam preparados para lidar com essas demandas. A ausência de formação continuada em tecnologias educacionais e metodologias ativas ainda é uma realidade em muitos contextos escolares, dificultando a integração efetiva dos recursos digitais às propostas curriculares. Como propõe o guia da Kidscape (2021), o papel do educador deve ser repensado de forma estratégica, valorizando a personalização do ensino, o uso consciente das mídias e a construção de relações significativas com os estudantes.

Nesse sentido, a escola precisa ser vista como um espaço de formação integral, que vá além da instrução técnica e se comprometa com o desenvolvimento crítico, criativo e afetivo dos sujeitos. O educador ocupa, nesse contexto, uma posição central como mediador entre o mundo digital e o real, entre o conhecimento fragmentado e o saber contextualizado, entre a pressa das telas e o tempo da escuta.

Portanto, os desafios pedagógicos impostos pela geração *screenager* não devem ser enfrentados com resistência ou negação da tecnologia, mas com sensibilidade, formação adequada e abertura para a inovação. O professor do século XXI precisa estar disposto a aprender continuamente, a experimentar novas abordagens e a construir, junto com seus alunos, um caminho educativo que faça sentido na era das telas.

7 Estratégias educacionais para a geração *screenager*

Frente aos desafios impostos pela cultura digital, torna-se imperativo repensar as estratégias educacionais voltadas à geração *screenager*. Essa reconfiguração não implica rejeitar as tecnologias, mas, ao contrário, aproveitá-las de forma crítica, criativa e pedagógica. O potencial das mídias digitais como aliadas do processo de ensino e aprendizagem depende diretamente da intencionalidade com que são utilizadas no ambiente escolar.

Boyd (2014) enfatiza que o uso das tecnologias pode favorecer uma aprendizagem mais ativa, especialmente quando os estudantes são estimulados a produzir conteúdos, compartilhar ideias e se engajar em projetos colaborativos. A simples exposição a conteúdos digitais, sem mediação ou finalidade pedagógica clara, não garante a construção de saberes significativos. Por isso, é essencial que o professor crie experiências de aprendizagem que integrem os recursos tecnológicos a objetivos educativos concretos, promovendo o protagonismo estudantil.

Entre as estratégias eficazes, destaca-se a personalização do ensino com o apoio das tecnologias. Conforme proposto no guia da Kidscape (2021), o ensino baseado em atividades práticas, a aprendizagem colaborativa, o uso de jogos educativos e a criação de ambientes híbridos podem favorecer a motivação, a autonomia e o engajamento dos estudantes. Essas abordagens respeitam o ritmo individual dos alunos e possibilitam que diferentes estilos de aprendizagem sejam contemplados.

Outra ação relevante consiste em promover a alfabetização digital crítica. Como alerta Livingstone (2018), o acesso à informação, por si só, não assegura a capacidade de discernir conteúdos confiáveis ou refletir sobre os impactos das interações online. Assim, cabe à escola desenvolver competências que permitam aos estudantes avaliar fontes, compreender os algoritmos

que regem as redes sociais e reconhecer os riscos da exposição excessiva. Esse tipo de educação midiática fortalece a cidadania digital e prepara os jovens para um uso mais ético da tecnologia.

No campo da leitura, é necessário estimular práticas que combinem o uso das plataformas digitais com a valorização da leitura aprofundada e reflexiva. Castro Santander (2012) adverte que a leitura nas telas, quando feita de forma acelerada e fragmentada, enfraquece a capacidade de argumentação e o diálogo responsável. Portanto, estratégias que articulem diferentes suportes textuais — como livros físicos, e-books, vídeos e infográficos — podem contribuir para uma formação leitora mais ampla e crítica.

A educação emocional também se revela uma dimensão essencial nas propostas pedagógicas voltadas aos screenagers. Conforme apontado por Twenge (2017), essa geração demonstra fragilidade em lidar com frustrações e desafios do mundo real, o que requer da escola um compromisso com o desenvolvimento de habilidades como empatia, cooperação e autorregulação. Atividades que promovam o diálogo, a escuta ativa e a convivência interpessoal devem ser incorporadas à rotina escolar com a mesma ênfase dada aos conteúdos disciplinares.

Por fim, é fundamental investir na formação contínua dos professores para o uso pedagógico das tecnologias. Como indicam Russell e Baker (2019), a eficácia das estratégias educacionais depende não apenas das ferramentas disponíveis, mas da capacidade do docente em aplicá-las de forma significativa. Oferecer subsídios teóricos e práticos aos educadores fortalece sua atuação frente aos desafios contemporâneos e amplia as possibilidades de inovação no ensino.

Assim, as estratégias educacionais para a geração screenager exigem uma atuação pedagógica consciente, sensível e articulada às transformações sociais e tecnológicas do presente. Cabe à escola assumir sua responsabilidade formativa não como espaço de resistência à cultura digital, mas como mediadora de práticas que conduzam os estudantes a uma relação mais equilibrada, ética e produtiva com o mundo das telas.

8 Resultados e discussão

A análise dos estudos selecionados revelou que a geração screenager, embora amplamente familiarizada com o uso das tecnologias digitais, apresenta lacunas significativas no que diz respeito à aprendizagem profunda, à formação socioemocional e ao desenvolvimento de competências críticas. A dependência das telas, aliada ao imediatismo característico do mundo digital, tem impactado não apenas os hábitos cognitivos, mas também a forma como os jovens se relacionam com o conhecimento, com os outros e consigo mesmos.

Segundo Shapira et al. (2020), os adolescentes hiperconectados tendem a apresentar comportamentos compulsivos, impulsividade e dificuldades de autorregulação emocional, fatores que interferem diretamente em sua capacidade de concentração e resiliência. Essa constatação é confirmada por Twenge (2017), que identifica um aumento nos índices de infelicidade e solidão entre jovens da geração digital, associando tais sentimentos à substituição de interações presenciais por vínculos mediados por telas.

No âmbito escolar, os desafios tornam-se ainda mais complexos. Muitos professores relatam dificuldades em manter o interesse dos estudantes e em lidar com a fragmentação da atenção causada pelo uso contínuo de dispositivos eletrônicos. Como destacam Russell e Baker (2019), a distração proporcionada por celulares e outros equipamentos compromete

a participação ativa nas atividades escolares e interfere no rendimento acadêmico. Esse dado corrobora as preocupações pedagógicas com a formação de leitores críticos e atentos, capazes de interpretar e contextualizar os conteúdos consumidos digitalmente.

Outro ponto recorrente nos estudos é a leitura digital rasa. Conforme alerta Castro Santander (2012), o problema não está apenas na quantidade de informação disponível na rede, mas na superficialidade com que ela é absorvida. A leitura em telas tende a ser descontínua, pouco contextualizada e carente de profundidade argumentativa, o que dificulta a elaboração de saberes complexos e a construção de vínculos significativos com o texto.

Apesar desses desafios, a literatura analisada também apresenta experiências positivas e caminhos possíveis para ressignificar o uso das tecnologias em sala de aula. Boyd (2014) propõe o uso de metodologias ativas, como projetos, gamificação e produção de conteúdos digitais, como forma de aproximar os estudantes do conhecimento de maneira mais engajada e significativa. Essas estratégias, quando bem planejadas, podem transformar o ambiente escolar em um espaço mais dinâmico, criativo e conectado à realidade dos jovens.

Da mesma forma, o guia da Kidscape (2021) sugere práticas pedagógicas que incluam o ensino baseado em atividades, a personalização do ensino e o desenvolvimento da cidadania digital. Tais iniciativas demonstram que a tecnologia, quando mediada intencionalmente, pode atuar como facilitadora do aprendizado e não como obstáculo.

No entanto, para que essas práticas sejam efetivas, é indispensável investir na formação docente. Rosen (2017) destaca que muitos professores ainda resistem ao uso das TICs por insegurança ou despreparo, o que limita o potencial transformador das ferramentas digitais no cotidiano escolar. O professor contemporâneo precisa ser um mediador crítico, capaz de aliar os recursos tecnológicos às necessidades formativas dos estudantes.

Em síntese, os resultados da pesquisa indicam que a geração *screenager* impõe à educação o desafio de equilibrar inovação tecnológica com intencionalidade pedagógica. O uso das telas, por si só, não assegura aprendizagem nem desenvolvimento humano. Cabe à escola — e, sobretudo, ao educador — promover práticas que articulem o mundo digital às experiências reais, fomentando o pensamento crítico, a empatia e a construção coletiva do conhecimento.

9 Considerações finais

A geração *screenager*, formada por adolescentes e jovens que cresceram imersos nas tecnologias digitais, representa uma ruptura nos modos tradicionais de aprender, conviver e construir conhecimento. Ao longo deste estudo, constatou-se que, embora esses sujeitos demonstrem grande familiaridade com dispositivos eletrônicos, essa competência técnica não garante uma formação crítica, ética ou emocionalmente equilibrada. O uso intensivo das telas tem gerado efeitos significativos sobre o desenvolvimento socioemocional, a qualidade das relações humanas e o desempenho escolar.

A análise bibliográfica revelou que a presença constante das tecnologias digitais contribui para uma leitura fragmentada, com baixa capacidade de contextualização e dificuldade em construir aprendizagens significativas (Castro Santander, 2012). Tal fenômeno repercute diretamente no ambiente educacional, onde professores enfrentam o desafio de manter o engajamento dos estudantes em meio a múltiplas distrações digitais (Russell & Baker, 2019).

Soma-se a isso a fragilidade emocional expressa por jovens com baixa tolerância à frustração e dificuldades em lidar com o mundo real, como apontam Twenge (2017) e Shapira et al. (2020).

Apesar desse cenário desafiador, os estudos analisados também apontam possibilidades promissoras. A tecnologia, quando bem utilizada, pode se tornar uma aliada poderosa da aprendizagem, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e o protagonismo estudantil. Boyd (2014) destaca o papel das metodologias ativas nesse processo, reforçando a importância de práticas que envolvam os alunos na produção de conhecimento. O guia da Kidscape (2021), por sua vez, propõe estratégias como a personalização do ensino e a educação para a cidadania digital, alinhando inovação tecnológica e formação humana.

Diante disso, reafirma-se que o papel do educador é fundamental para mediar o uso das tecnologias, orientando os estudantes na construção de uma relação mais consciente com o mundo digital. Isso requer investimento na formação docente, bem como políticas educacionais que reconheçam a complexidade do fenômeno e promovam práticas pedagógicas condizentes com as demandas contemporâneas.

A escola, como espaço privilegiado de socialização e construção de saberes, precisa assumir a responsabilidade de equilibrar o uso das tecnologias com experiências presenciais que valorizem a escuta, o diálogo e a convivência. Educar a geração *screenager* é, sobretudo, um convite a refletir sobre o sentido da educação em tempos digitais, promovendo não apenas o acesso à informação, mas a formação integral de sujeitos capazes de agir com criticidade, empatia e responsabilidade no mundo real e virtual.

Referências

- Batista, L. S., & Kumada, K. M. O. (2021). Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, e021029-e021029.
- Boyd, D. (2014). *It's complicated: The social lives of networked teens*. Yale University Press.
- Brito, A. P. G.; Oliveira, G. S. & Silva, B. A. da. (2021). A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da Fucamp*, 20(44).
- Lösch, S., Rambo, C. A., & Ferreira, J. L. (2023). A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, e023141-e023141.
- Christofides, E., Muise, A., & Desmarais, S. (2019). Risky disclosures on social networking sites: The impact on perceived employability and hiring-related decisions. *Journal of Applied Psychology*, 104(8), 1125-1139.
- Kidscape. (2021). *Screenagers: Use technology in balance*. Retrieved from <https://www.kidscape.org.uk/advice-and-support/guides/screenagers-use-technology-in-balance/>.
- Livingstone, S. (2018). *Children's rights in the digital age: A download from children around the world*. UNICEF.
- Rosen, L. D. (2017). Screen time and children's development: a 21st century concern. *Journal of Adolescent Health*, 61(6), 7-10.
- Martelli, A., de Oliveira Filho, A. J., Guilherme, C. D., Dourado, F. F. M., & Samudio, E. M. M. (2020). Análise de metodologias para execução de pesquisas tecnológicas. *Brazilian Applied*

Science Review, 4(2), 468-477.

Sousa, A. S.; Oliveira, G. S. & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, 20(43), 64-83.

Rosen, L. D. (2017). Screen time and children's development: a 21st century concern. Journal of Adolescent Health, 61(6), 7-10.

Russell, A., & Baker, J. (2019). The impact of video gaming and screen use on child development: a review of the literature. New Media & Society, 21(4), 887-909.

Santander, A. C. (2012). Meta: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 316, set./dez. 2012. Disponível em A Ciberconvivência dos "Screenagers" | Santander | Revista Meta: Avaliação (cesgranrio.org.br).

Shapira, N. A., Lessig, M. C., Goldsmith, T. J., Szabo, S. T., Lazoritz, M., Gold, M. S., & Steinberg, M. L. (2020). Problematic screen media use in adolescents and young adults: the effects of self-regulation and time perspective on addictive behaviors. Addictive behaviors, 106, 1-9.

Strasburger, V. C. (2019). Children, adolescents, and the media. Routledge.

Tufekci, Z. (2017). The social media generation. The New York Times.

Twenge, J. M. (2017). iGen: Why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy--and completely unprepared for adulthood--and what that means for the rest of us. Simon and Schuster.